

A PEDAGOGIA DO TRAVESSÃO

[THE PEDAGOGY OF THE DASH]

Ramon Bolívar C. Germano

*Mestre em Filosofia, Doutorando em Filosofia pela UFPB-UFRN-UFPE, Professor do Departamento de Filosofia da UEPB. Membro da Sociedade Brasileira de Estudos de Kierkegaard (SOBRESKI).
(E-mail: proframobolivar@gmail.com)*

Para minha esposa Ruth

Recebido em: 19 de março de 2018. Aprovado em: 28/05/2018

A pedagogia do travessão
GERMANO, Ramon Bolívar

Resumo: Neste artigo mostramos como a contribuição de Kierkegaard para a educação pode ser compreendida a partir da proposição de uma *pedagogia do travessão*. No interior da relação pedagógica o travessão é o traço que suspende a interferência positiva e direta do “mestre” sobre o “discípulo”, do auxiliador sobre o auxiliado. Quer dizer que só por meio do travessão a liberdade do outro pode ser garantida e preservada. Ao final veremos que a *pedagogia do travessão* só se realiza perfeitamente em se tornado uma *pedagogia do amor*.

Palavras-chave: Pedagogia. Travessão. Amor.

Abstract: In this article we show how Kierkegaard's contribution to education can be understood from the proposition of a *pedagogy of the dash*. Within the pedagogical relationship, the dash is the trace that suspends the direct and positive interference of the "master" over the "disciple", the helper over the aided. It means that only through the dash can the freedom of the other be guaranteed and preserved. In the end we will see that the *pedagogy of the dash* is only perfectly realized when it becomes a *pedagogy of love*.

Keywords: Pedagogy. Dash. Love.

A pedagogia do travessão
GERMANO, Ramon Bolívar

Qual o maior dos benefícios que um homem pode fazer por outro? Trata-se de uma pergunta difícil porque, ao que tudo indica, aquilo que pode ser um benefício para determinada pessoa, pode inversamente ser um malefício para outra. Além disso, também variam as capacidades do benfeitor, de modo que nem todo aquele que quer ajudar tem de fato o poder de fazê-lo. Quer dizer que o maior benefício que um homem pode fazer por outro depende de quem é este homem e do que precisa aquele outro. Ora, mas isto impossibilita uma resposta unívoca e definitiva à nossa pergunta! Ficamos apenas com a ideia de que para cada homem particular deve haver um benefício e um benfeitor particular. Para o doente, o maior de todos os benefícios seria a saúde e o seu principal benfeitor o médico. Para o ignorante, a sabedoria e o sábio. Para o analfabeto, a leitura e o professor. Neste caso, nossa pergunta careceria de sentido. Não somos capazes de dizer qual o maior dos benefícios que um homem pode fazer por outro porque tudo varia de acordo com as circunstâncias de cada um! Devemos então parar antes de começar ou devemos tentar outra via de acesso à questão? Não será possível, ainda que de maneira indireta, indicar de fato qual o maior dos benefícios que um homem pode fazer por outro? Estamos convencidos de sim.

Em todos os casos em que um homem ajuda um outro de tal maneira que se torna o seu benfeitor, será tanto mais bem sucedido quanto mais o beneficiado tornar-se independente em relação a ele. O que isso quer dizer? Que ser verdadeiramente beneficiado é tornar-se finalmente independente do benfeitor. No caso do doente, ser perfeitamente beneficiado é tornar-se totalmente independente do médico – porque afinal, com o auxílio deste, reestabeleceu totalmente a sua saúde. Um doente que depende do médico indica com a sua dependência que a sua enfermidade persiste. Igualmente com o ignorante que precisa do sábio e com o analfabeto que depende do professor. O verdadeiro benefício é sempre libertador! O ignorante se liberta do sábio e o analfabeto do professor. Assim o benefício de fato se realiza. Do contrário a pessoa ajudada recebe muitos benefícios do outro, mas por isso mesmo permanece sempre mais dependente – o que, no fundo, constitui um malefício. Quer dizer que por mais que um homem auxilie um outro a adquirir aquele que seria o maior e o mais verdadeiro dos benefícios, se o faz de tal maneira que o auxiliado torna-se devedor e dependente dele, então não faz benefício ao outro, mas, em certo sentido, malefício. É justamente isto que Kierkegaard pretende indicar quando escreve em um de seus discursos

A pedagogia do travessão
GERMANO, Ramon Bolívar

religiosos¹ que “o maior dos benefícios consiste justamente na *maneira* como o único verdadeiro benefício é realizado” (KIERKEGAARD, 2005, p. 308-309). Quer dizer que o *maior dos benefícios* que um homem pode fazer por outro não é meramente um “que”, uma coisa que ele faz, mas um “como”, ou seja, um modo, *a maneira como ele o faz*. Este “como”, este *modo* é essencial para que aquela ajuda seja de fato um benefício, isto é, para que o auxílio seja ao mesmo tempo ocasião de libertação e não de dependência. Sobre isso Kierkegaard é claro:

Quando eu digo: “Este homem se mantém por si só, com a minha ajuda”, e quando é verdade o que estou dizendo: fiz então por ele o máximo? Vejamos! Que digo eu com isso? Digo que ele “se mantém única e exclusivamente graças à minha ajuda”. Mas então, afinal de contas, ele não se mantém por si mesmo, ele não se tornou senhor de si, já que é à minha ajuda que ele deve tudo – e ele está consciente disso. Ajudar uma pessoa desta maneira é propriamente enganá-la (KIERKEGAARD, 2005, p. 309).

O engano da relação está no fato de que aquela pessoa que aparentemente se mantém por si só permanece, na verdade, em uma situação de dependência em relação ao seu “benfeitor”. Tanto que ajudar uma pessoa deste *modo*, segundo esta *maneira*, equivale a prejudicá-la, porque o resultado será sempre mais dependência, menos liberdade. Inversamente, caso aquele que ajuda o faça de tal maneira que, ao cabo, sua ajuda se torne, por assim dizer, esquecida, invisível, quase que inexistente – então o ajudado de fato recebeu um verdadeiro benefício, o benefício de sua própria independência ou de sua própria liberdade em relação ao outro. Por isso Kierkegaard nos explica:

Ora, é impossível realizar o maior de todos os benefícios de modo que o beneficiário fique sabendo que é a mim que ele deve; pois caso ele o perceba, então já não se trata do maior dos benefícios. Em contrapartida, se alguém disser: “Este homem se mantém sozinho – graças à minha ajuda”, e se é verdade o que ele diz, sim, neste caso terá feito por esta pessoa o máximo que um homem pode fazer por um outro: o terá tornado livre, independente, por si mesmo, senhor de si, e justamente ao ocultar sua ajuda o terá ajudado a manter-se por si próprio (KIERKEGAARD, 2005, p. 310).

¹ Trata-se do discurso *O Amor não procura o que é seu*, um dos textos que compõem *As Obras do Amor: algumas considerações cristãs em forma de discursos*, livro publicado por Kierkegaard em 1847.

A pedagogia do travessão
GERMANO, Ramon Bolívar

Mas onde está a diferença entre estas duas expressões: “Este homem se mantém sozinho graças à minha ajuda” e “este homem se mantém sozinho – graças à minha ajuda”? A diferença está precisamente naquilo que Kierkegaard chama de “traço de suspensão” (Cf. KIERKEGAARD, 2005, p. 310), ou seja, no *travessão*. A inclusão do travessão cria na frase um intervalo, um silêncio transfigurador. Nada é dito diretamente com o travessão, antes apenas algo é *calado*, *não-dito*. Mas justamente este *não-dito*, este intervalo de silêncio, promove na expressão uma mudança extraordinária. O travessão “cala” a ajuda, mantém o auxílio no recolhimento do silêncio. Toda a tônica é posta na liberdade do ajudado, no fato de que ele se mantém por si mesmo. Tudo que passa disso é recolhido sob o silêncio do travessão. A independência do ajudado *fala* no silêncio do calar da ajuda. Quer dizer que o intervalo criado pelo travessão é o espaço da liberdade do outro, o silêncio que permite que sua liberdade de pronuncie. Sem o espaço criado pelo travessão a liberdade do ajudado estará sempre limitada pela presença berrante da ajuda. O travessão é a distância do ocultamento, aquilo que faz calar a ajuda e, por isso mesmo, aquilo que abre espaço para a liberdade do ajudado. Sem a introdução do travessão a ajuda se torna um tipo de indiscrição, uma presença inconveniente e estorvante para a liberdade do outro. Todo auxílio, portanto, para ser de fato tal, precisa trazer em si mesmo este traço de suspensão, quer dizer, a discrição, a reserva, o resguardo do silêncio, o despojamento e o recato da ajuda que se recolhe, que dá escondendo a mão.

A nosso ver estamos aqui diante de uma expressão pedagógica bastante singular. Há um tipo de relação pedagógica porque uma das partes é conduzida, auxiliada, ajudada pela outra. Mas trata-se ao mesmo tempo de uma relação insólita porque sua essência não é nada de positivo, não é a mera transmissão de um saber, não é a comunicação de uma experiência, ou coisas afins. Antes sua essência está no traço de suspensão, na introdução do travessão. Todo o esforço deverá então se concentrar na arte de criar um “espaço” ou um “silêncio” que permita que o ajudado mantenha sua autonomia, sua independência e sua liberdade. Trata-se, por isso, de uma pedagogia do despojamento e da auto-aniquilação, pois nela o mestre, o auxiliador, o benfeitor só se realiza quando consegue transformar-se em um travessão, isto é, quando está totalmente oculto e quando sua ajuda está absolutamente resguardada no segredo do silêncio. Trata-se, portanto, de uma *pedagogia do travessão*.

Para Kierkegaard aquele que primeiro compreendeu e aplicou esta “pedagogia” foi Sócrates, a quem o autor dinamarquês costumava chamar de sábio simples da antiguidade. Ora, Sócrates não era um pedagogo segundo a acepção comum da palavra. Ele não conduzia

A pedagogia do travessão
GERMANO, Ramon Bolívar

o seu interlocutor pela mão e, por isso mesmo, não conduzia “discípulos”, já que um discípulo é justamente aquele que é conduzido pela mão. Sócrates não era um mestre pedagogo porque sua arte era justamente aquela de “tirar a mão”, de ocultá-la, isto é, de fazer com que a mão conduza sem, contudo, propriamente conduzir. Nisso consistia a sua afamada arte maiêutica, em auxiliar o outro em sua própria liberdade, em ajudá-lo a ser livre e, portanto, em “tirar a mão” que conduz ou em conduzir “tirando a mão”. O vazio daquilo que é retirado é propriamente o intervalo do travessão. Assim, a atividade de Sócrates, quando realizada plenamente, implicava na exuberância da autonomia do “discípulo” e no esvaziamento do “mestre”. Com outras palavras, a arte de Sócrates consistia na suspensão da distinção “Mestre e Discípulo” em função da liberdade do “discípulo”. Aqui o traço de suspensão é finalmente a marca da suspensão da distinção: já não há mais mestre nem discípulo porque a plena realização da tarefa socrática se dá quando finalmente o discípulo tornou-se *mestre de si mesmo* e, portanto, quando o “mestre” *retirou-se* da relação. Trata-se, como se pode notar, de um esvaziamento da função positiva e da contribuição direta do mestre. Daí a célebre esterilidade de Sócrates imortalizada por Platão no Teeteto (150a-c): “a divindade me incita a partejar os outros, porém me impede de conceber.” (PLATÃO, 2001, p. 47)². Porque para ser capaz de auxiliar o outro a dar à luz verdadeiramente, o auxiliador tem de ser incapaz de procriar – e neste sentido particular a esterilidade é uma bênção. Pois “procriar” ali significa perturbar a liberdade do outro com a posição de minha própria criação, isto é, auxiliá-lo direta e positivamente, deixando impudicamente visível a ajuda, fazendo ver que aquela outra pessoa não foi capaz de se manter por si mesma, mas precisou de um mestre para conduzi-la pela mão. Isto é obviamente um tipo de estorvo à liberdade do outro, um obstáculo à sua autonomia e independência. Sócrates, no entanto, “havia compreendido em profundidade que o máximo que um ser humano pode fazer por um outro é torná-lo livre, ajudá-lo a manter-se por si mesmo” (KIERKEGAARD, 2005, p. 311). Esta consciência profunda implicava na firme convicção de que este auxílio só é possível caso o ajudante seja capaz de se fazer invisível, ou seja, de aniquilar-se a si mesmo.

Recorramos a uma imagem singela. Quando um pai quer ensinar seu filho a equilibrar-se sozinho na bicicleta, será tanto mais bem sucedido quanto mais agir

² Em *Migalhas Filosóficas*, Kierkegaard, sob a pena de Johannes Climacus, cita esta passagem do Teeteto completando que “de homem a homem a ajuda do parto (*maiesthai*) é a relação suprema; dar à luz é algo que só cabe ao deus” (KIERKEGAARD, 2008, p. 29).

A pedagogia do travessão
GERMANO, Ramon Bolívar

socraticamente. Como o faz? Ele auxilia o filho, mas seu auxílio é cada vez mais invisível, ao ponto de apenas segurar a sela da bicicleta sutil e imperceptivelmente, de modo que o filho, por assim dizer, já não sente nem vê o auxílio da mão do pai. Neste ponto, o ato de “segurar” quase se confunde com o ato “soltar”, e de fato no *instante* em que a mão do pai está completamente escondida, quando seu auxílio já não pode ser percebido – o soltar é inevitável e espontâneo e a liberdade airada do filho é completa porque pedala sozinho. Ora, a arte do pai não está em segurar nem em soltar a sela, mas em encontrar o instante em que segurar e soltar se confundem (o travessão!), de sorte que seu segurar é ao mesmo tempo um soltar. Igualmente aquele que quer auxiliar outra pessoa não deverá nem fazê-lo diretamente, nem não fazê-lo, mas encontrar o instante raro em que seu auxílio se confunde com um não-fazer; em que sua ajuda se confunde com desajuda. Esta é a arte de Sócrates, uma pedagogia de parteira porque não puxa a “criança” nem a “abandona”, apenas a ampara com as mãos numa sutil assistência que dá à parturiente a máxima liberdade de parir por si mesma, esquecida da mão que acode porquanto o acudir desta mão é, por um instante – um desacudir. Aqui está mais uma vez o traço de suspensão! A ajuda socrática, como arte de parteira, é a presença de uma ausência, o cuidado de um descuido, numa palavra, um travessão, um recato ou um resguardo. Se depois de dar à luz a mulher vive o período de *resguardo*, na relação socrática é ele mesmo, o parteiro, que fica de *resguardo*. O que ele resguarda? Sua própria intromissão, sua presença indiscreta, para que assim a pessoa auxiliada fique verdadeiramente resguardada.

É evidente que isto implica numa capacidade de ocultamento do “ajudante”, quer dizer: “o ajudante deve ser capaz de se fazer invisível, magnanimamente querer aniquilar-se a si mesmo” (KIERKEGAARD, 2005, p. 311). Esta invisibilidade ou, mais ainda, esta auto-aniquilação é, curiosamente, o máximo que se pode fazer por outro ser humano e, portanto, o ponto extremo, a *meta* de toda relação que supõe ajuda ou auxílio. De sorte que todo e qualquer mestre alcança o máximo de sua meta não na transmissão positiva de um saber, de um movimento, de um conhecimento, de uma doutrina, etc., mas na auto-aniquilação de sua qualidade de mestre. Quer dizer que a relação pedagógica verdadeiramente benéfica e plenamente realizada deve culminar em sua própria abolição. A plenitude do vínculo “Mestre-Discípulo” só atinge sua meta suprema na anulação desta distinção em função da independência das partes. Ser o mestre de alguém, positivamente, será sempre algo inferior a *sê-lo no ato de não sê-lo*. Esta pedagogia da auto-aniquilação é, bem entendido, um tipo de

A pedagogia do travessão
GERMANO, Ramon Bolívar

“contra-pedagogia” ou uma pedagogia invertida, posta às avessas. Não se trata de aperfeiçoar a relação entre mestre e discípulo, não está em questão a priorização de uma ou de outra parte da relação, não se dá uma ênfase na figura do discípulo em detrimento da do mestre nem na do mestre em detrimento da do discípulo, nem tampouco à relação harmoniosa entre ambos. O que está em questão é a possibilidade de consumação do ato pedagógico, ou seja, a possibilidade de anulação das figuras do mestre e do discípulo, o que é o fim da pedagogia, isto é, seu fito, seu *telos*, mas ao mesmo tempo sua abolição. Neste sentido, aquilo que o ajudante, o auxiliador ou o “mestre” têm a dar torna-se como que propriedade de quem o recebeu. Tanto que é como se nada tivesse recebido, pois aquele que doou tornou-se invisível no próprio ato de doar, de maneira que o que poderá doar de mais precioso não é um conhecimento, um conselho, uma sabedoria, ou coisas afins, mas a sua própria invisibilidade e aniquilação. Com outras palavras, o máximo que um homem pode dar a outro numa relação de auxílio ou, se quisermos, numa relação “pedagógica”, é sua invisibilidade – um travessão.

É por isto que Kierkegaard chama Sócrates de “nobre brincalhão” [*ædle Skalkagtige*] (KIERKEGAARD, 2005, p. 311). A palavra *Skalkagtige* diz algo como travesso, chistoso, espirituoso ou, por que não dizer, malandro, maroto. Pois Sócrates de fato precisava conservar certo grau de chiste, de brincadeira, de jogo, numa palavra, de ludicidade. Com efeito, a tarefa de auxiliar o outro fazendo-se a si mesmo invisível guarda muito do jogo, da estratégia, da brincadeira de esconder. Todo o esforço precisa concentrar-se na *alusão* e não na expressão direta. Ajudar, instruir, ensinar, auxiliar diretamente é sempre muito arriscado, porque a forma direta descuida justamente daquele traço de suspensão atrás do qual se esconde o verdadeiro benfeitor. Não se trata de comunicar nada diretamente, de indicar e de apontar o caminho. Antes a tarefa é sempre a de *aludir*. Aludir (*ad, ludo*³) é também brincar, jogar, de modo que Sócrates é um “nobre brincalhão” porque todo o seu esforço está dirigido para a *alusão*, para a sugestão indireta. Deve-se ter uma mente de enxadrista e uma astúcia de ilusionista. Assim pode-se começar a brincadeira. A *alusão*, em seu caráter lúdico, é sempre indireta e matreira: quando diz algo sério, o faz sorrindo; quando brinca, o faz com ar de seriedade; quando exprime algo, silencia sobre o principal; quando compreende, age como se não compreendesse, e quando não sabe age como se soubesse. Por isso *aludir* é, em certo sentido, revelar encobrindo, dizer não dizendo, ajudar não ajudando e assim por diante. Sua essência se mantém no segredo, no oculto, no não-dito. Este “oculto” é o recolhimento

³ Cf. *Dicionário Latim-Português*, p. 51 (vide referências bibliográficas).

A pedagogia do travessão
GERMANO, Ramon Bolívar

ou o recato daquele que auxilia. O que ele mais quer é manter sua ajuda em segredo para então poder ver a exuberância graciosa da liberdade do outro. Por isso ele não pode ser direto, não pode interferir de maneira indecorosa ou indiscreta, berrante ou exuberante demais. Todo o seu interesse é pelo brilho da chama do outro, e não pela sua própria chama. Quer dizer que aquele benfeitor e auxiliador compreendeu profundamente que o melhor do outro está nele mesmo, na graciosidade de sua liberdade, no brilho único, sem par, de seu próprio lume. Caso lance seu brilho sobre o outro de maneira indiscreta, ofusca a luz do outro! Sua luz deve ser então uma presença penumbral, uma luz imiscuída na sombra, indireta, algo difusa e ao mesmo tempo diáfana. Não é a luz de um canhão ou de um refletor, mas a luz de uma vela. Ali, no interior da chama tremulante, está escondida a sombra recatada e pudica. Por isso o verdadeiro auxiliador e benfeitor está sempre *velando* pela pessoa auxiliada, cuidando, vigiando para que sua presença não venha a interferir na graça singular do outro. A *alusão* é esta luz penumbral e indireta. Nunca incide na “coisa” diretamente, mas sempre de modo oblíquo e discreto. Só assim a ajuda é *de graça e pela graça*. É de graça porque aquele auxiliador não procura o seu próprio interesse, não quer ser reconhecido, não quer receber qualquer vantagem ou retribuição. É pela graça porque o que se visa aí é justamente a *graça* do outro. O que isso quer dizer? Que o auxiliador e benfeitor quer apenas que o outro encontre sua própria graça se ser, sua própria graciosidade. Ora, a graciosidade é a qualidade daquele que é livre. Dizemos que o pássaro é gracioso porque ele mergulha no ar como se estivesse absolutamente solto. Sua graciosidade está no total desembaraço, na airocidade, na leveza de seu ser. A única coisa de que o pássaro necessita é de um amplo espaço aberto, de um vasto horizonte. Aí pode tricotar suas acrobacias e fazer escarcéu no ar, desprendido e ágil. Não precisa de uma pista, nem dos limites de um viveiro, mas apenas desse amplo espaço aberto. Assim torna-se todo ele gracioso porque nada lhe controla e ele tampouco controla nada. O pássaro se entrega ao vento e dependura-se no ar, mas o vento não retém nem controla o pássaro, assim como este não retém nem controla aquele. A graciosidade é esta entrega ou este estar à mercê. Por isso voo do pássaro preso na gaiola é tão desairoso, desgracioso ou desgraçado. No vasto horizonte aberto o ser do pássaro é do tamanho daquela amplidão, quer dizer, sem-tamanho. Nos limites opressivos da gaiola angulosa, o ser do pássaro torna-se do tamanho da gaiola, rígido como suas hastes e sempre mais constrangido. Não há graça no interior das gaiolas! E assim também um “benfeitor” que não torna o beneficiário mais livre é como um passarinho que prende um pássaro numa gaiola

A pedagogia do travessão
GERMANO, Ramon Bolívar

– é de fato um malfeitor. Pois o verdadeiro benfeitor só se interessa por criar o amplo espaço aberto onde o ser do outro pode se revelar na sua mais pura graciosidade. Este espaço de abertura é, como dizíamos junto com Kierkegaard, aquele *travessão*, o traço de suspensão que recolhe o ser do ajudante em função da liberação do ser do ajudado.

Quer dizer que o que está em questão nesta pedagogia do travessão é, antes de tudo, a *graça*. Por isso não apenas se ensina, se corrige, se admoesta, mas apenas se alude. Toda alusão pretende ser, em certo sentido, engraçada, isto é, dotada de graça. Esta graça é, por um lado, a gratuidade daquele que ajuda – porque ajuda de graça – e, por outro lado, a própria graça da liberdade do outro. Uma relação demasiado direta é, neste sentido, completamente *sem graça*. Aquele que ajuda assim o faz visando seus próprios interesses e aquele que é ajudado não é a rigor ajudado porque perdeu a sua graça na medida em que se tornou um pouco mais dependente do outro, isto é, menos livre. Por isso o esforço de *alusão*, que quer conservar a graça, se assemelha tanto à ilusão. *Illudo* é também brincar com, divertir-se, troçar, fazer galhofa de alguém⁴. Iludir é parte da tarefa de composição do travessão pois toda ilusão se caracteriza por ser um incógnito, isto é, por não ser reconhecida como tal. Mas é justamente isto que o benfeitor quer, não ser reconhecido como tal, de modo que *iludir* torna-se parte essencial do seu esforço. A este respeito Kierkegaard menciona o quanto teria custado a Sócrates a tarefa de “lograr o outro para dentro da verdade” (KIERKEGAARD, 2005, p. 311), quer dizer, de iludi-lo para fora da ilusão⁵. E o maior custo desta tarefa não é senão a já referida auto-aniquilação. É o “esconder a mão” de modo que a pessoa auxiliada não descubra o auxílio. Ou seja, o maior custo é manter a ilusão oculta, para que a pessoa beneficiada não descubra afinal que foi *iludida para fora da ilusão* e venha a estragar o truque, ou seja, venha a descobrir a “carta na manga” do ilusionista. Precisamente por isso aquele que *alude e ilude, se elude*. Ele evita astuciosamente ser flagrado em franco auxílio. Ele se elude de toda apreensão objetiva e direta. Do contrário o auxiliado esquece-se de si mesmo e fixa sua atenção no auxiliador, ou seja, permanece tributário do outro, numa relação de dívida que anula toda a *graça*. Por isso o verdadeiro benfeitor é mestre na arte de se eludir. Assim fizera Sócrates, tanto que Kierkegaard n’*O Conceito de Ironia* destaca o quão difícil seria fixar a imagem daquele “nobre brincalhão”: “sim, até parece impossível, ou então pelo menos tão

⁴ Cf. *Dicionário Latim-Português*, p. 332 (vide referências bibliográficas).

⁵ No *Ponto de Vista Explicativo de Minha Obra de Escritor* Kierkegaard escreve: “Pode enganar-se um homem em vista do verdadeiro e, parar lembrar o velho Sócrates, enganá-lo para o levar ao verdadeiro. É mesmo a única maneira quando ele é vítima de ilusão” (KIERKEGAARD, 2002, p. 53-54).

A pedagogia do travessão
GERMANO, Ramon Bolívar

trabalhoso como pintar um duende com o barrete que o torna invisível” (KIERKEGAARD, 2010, p. 28). Pois Sócrates de fato apenas aludia e, quando aludia, ao mesmo tempo iludia e se eludia:

Assim trabalhava ele; e quando o trabalho estava concluído, ele dizia bem baixinho para si mesmo: agora esta pessoa está por si. Mas eis que chegamos ao “traço de suspensão”; e com o traço de suspensão um sorriso se desenha nos lábios do nobre (e contudo tão brincalhão), e ele diz: “Agora esta pessoa é independente – graças à minha ajuda”, ele reserva para si o segredo desse sorriso indescritível. Realmente, não há vestígio de maldade neste sorriso, ele está consciente de que o que fez foi para o bem, está consciente de que verdadeiramente é um benefício e verdadeiramente é a única maneira pela qual se pode fazê-lo: mas o sorriso ainda é a autoconsciência da engenhosidade (KIERKEGAARD, 2005, p. 312).

Este sorriso segredado é ainda o resquício sutil, a indicação exígua de que no fundo da relação ainda se oculta uma autossatisfação, um resíduo do “eu” que diz “meu”. Ainda que tenha feito tudo pela outra pessoa, dando a impressão de nada ter feito, ainda assim se esconde no mais íntimo a satisfação pela arte e pelo engenho. Sócrates ainda tem este sorriso para chamar de “seu”, ainda guarda para si a autoconsciência de seu valor, embora a todo instante o travessão suspenda esse senso de importância. Significa que na relação socrática ainda há um uma recompensa qualquer. Não se alcança a *perfeita* gratuidade porque no último instante ainda resta “a recompensa de uma orgulhosa autoconsciência” (KIERKEGAARD, 2005, p. 313). Sócrates ainda conserva uma auto-satisfação que se esconde por detrás do travessão. Ele ainda guarda em seu interior aquele “*graças a minha ajuda*” que de alguma maneira retém um pouquinho da *graça* do outro. Uma parte da *graça* continua sendo dele [“*graças a minha ajuda*”], de modo que a graciosidade não é perfeita. Ainda que em segredo, aquela pessoa auxiliada guarda uma “dívida” para com Sócrates – embora seja justamente esta dívida aquilo que permanece oculto.

Haverá então uma relação de ajuda e de socorro que posso atingir a perfeição da absoluta gratuidade? Poderá um homem ajudar um outro de tal maneira que não reste qualquer traço de interesse próprio e de recompensa, nem mesmo a recompensa daquela orgulhosa autoconsciência? Para tanto a relação precisa ir além do âmbito socrático. Segundo Kierkegaard, apenas a pessoa amorosa, aquela que ama de maneira abnegada, realiza o auxílio ou o benefício perfeito. Escreve o autor:

A pedagogia do travessão
GERMANO, Ramon Bolívar

[...] por mais nobre, magnânimo e desinteressado que fosse aquele brincalhão, ele no entanto não amava, no sentido de cuidado, aquele que ele socorria. Ora, enquanto aquele brincalhão se faz infinitamente leve graças ao ardid do traço de suspensão, e a arte consiste justamente em ter conseguido fazer tudo pela outra pessoa e dar a impressão de nada ter feito: assim, para o amoroso, o traço de suspensão, embora represente no sentido do pensamento uma leveza infinita, num outro sentido (contudo, note-se, isso não deve ser notado) representa um tipo de respiração pesada, quase como um suspiro profundo. Neste traço de suspensão se esconde, com efeito, a insônia da angústia, a vigília noturna do trabalho, um esforço quase desesperado (KIERKEGAARD, 2005, p. 313).

O amoroso carrega então uma preocupação estranha à relação socrática. No interior do amor ele se compromete de tal maneira com a pessoa amada que descobre a responsabilidade que seu auxílio ou seu socorro supõe. Esta responsabilidade que torna a respiração do amoroso pesada provém da consciência profunda de que “todo homem essencialmente se mantém por si só – graças à ajuda de Deus” (KIERKEGAARD, 2005, p. 313). Quer dizer o amoroso é justamente aquele que compreendeu que o maior benefício que um homem pode realmente realizar por outro é ajudá-lo a se manter *livre* na *dependência* de Deus. Trata-se, como se pode notar, de uma *livre dependência*. Isto se diz também *graça*. De sorte que o amoroso compreendeu que o máximo que pode fazer por outra pessoa é ajudá-la à viver segundo a *graça*, segundo a profunda dependência que ela tem de Deus e que, num sentido superior, é a verdadeira independência. Por isso o amoroso é o mais abnegado de todos os benfeitores. Nada o preocupa mais do que a pureza da relação do outro para com Deus. Seu maior desejo é ser sempre mais *nada*, é sumir e aniquilar-se para que não sobre qualquer risco de intromissão e de interferência na relação do outro para com Deus. Por isso Kierkegaard escreve a respeito do amoroso:

Ele trabalha sem recompensa; pois ele se reduz a nada, e no próprio instante em que poderia ser o caso de ele, contudo, guardar a recompensa de uma orgulhosa autoconsciência, Deus intervém, e ele é novamente aniquilado, o que porém é para ele sua felicidade (KIERKEGAARD, 2005, p. 313).

Só assim a relação é absolutamente gratuita. Aquele que então auxilia é finalmente reduzido a nada em favor da relação do auxiliado para com Deus. Quer dizer que o amor descortinou a *graça*! Em sua profunda consciência, o amor compreendeu que todo homem só se mantém e se preserva na força do Amor que lhe dota de vida. Este Amor é absoluta

A pedagogia do travessão
GERMANO, Ramon Bolívar

graciosidade. Ele não é tributário de ninguém, é antes pura graça e dom de vida. Por isso mesmo o amoroso tornou-se consciente de que “nenhum ser humano tem condições de estabelecer a fundação do amor numa outra pessoa” (KIERKEGAARD, 2005, p. 251). Significa que por mais que eu ame outra pessoa, não posso criar o amor nela, não posso lhe dar o amor – apenas o Amor poderá fazê-lo. Assim meu auxílio é, em certo sentido, um *nada* porque a única coisa que realmente importa – ajudar a outra pessoa a amar e a se relacionar amorosamente com o Amor – não depende em nada de mim mesmo, mas apenas de Deus [do Amor]. Por isso o amoroso é todo auto-sacrifício e abnegação. Ele nada impõe ao outro nem tampouco se interpõe entre o outro e o Amor. Só quer ser um auxiliador, por assim dizer, insignificante. Assim como aquele “nobre brincalhão” o amoroso também apenas alude, ilude e se elude. Mas o faz na mais profunda tensão interior, para que ao final não reste nem sombra de auto-satisfação. Com efeito, a consciência da absoluta *graciosidade* do amor é o que motiva o amoroso. Não há de que se orgulhar diante do outro porque tudo o que de fato importa não provém de si, mas do Amor. Todo o seu trabalho é então o de auxiliar erigindo um imenso travessão que o mantém completamente recolhido e recatado. Só assim, resguardado por este longo traço de suspensão, o amoroso poderá auxiliar e de alguma maneira beneficiar a pessoa amada. Mas seu auxílio não é senão a própria inclusão preocupada do travessão. Diz Kierkegaard:

Que maravilhoso monumento o amoroso adquire em gratidão por todo seu trabalho! Ele pode de certa maneira depositar toda sua vida em um travessão. Ele pode dizer: trabalhei como ninguém, da manhã a noite; mas o que erigi – um travessão (pois se se pudesse ver diretamente o que ele realizou, é porque ele teria trabalhado com menos amor)! Ninguém sofreu tão pesado quanto eu, tão profundamente como só o amor pode sofrer; mas o que eu fiz de útil? Um travessão! Pois se ele não tivesse sido o amoroso, então ele teria, de maneira menos penetrante, proclamado o verdadeiro de maneira direta, e então ele teria conseguido em seguida adeptos, que se teriam apropriado dessa verdade – e que o teriam saudado como mestre (KIERKEGAARD, 2005, p. 314).

Mas o verdadeiro amoroso sabe que só há um mestre – o Amor – e que toda interposição do homem neste sentido, quando não está resguardada pelo traço de suspensão, torna-se um empecilho e um estorvo à liberdade graciosa do outro. Nenhum passarinho pode tornar-se mestre do pássaro. O mestre do pássaro é o amplo espaço aberto e o vasto horizonte; no máximo, é o vento! Assim também a verdadeira relação pedagógica de homem

A pedagogia do travessão
GERMANO, Ramon Bolívar

para homem só é perfeita quando se dá na força do amor que erige o travessão. Este amor que se recolhe deixa o espaço aberto para a liberdade do amor do outro, sem qualquer interferência indiscreta do “ego” que busca seu próprio interesse. O amoroso se retira para o interior do recolhimento do travessão, e o faz por amor ao outro ser humano que precisa de socorro. Assim o outro pode descobrir o Amor sem qualquer interferência alheia, sem tonar-se tributário do amor do seu benfeitor nem devedor de qualquer ajudante que não seja o próprio Amor auxiliador. Assim a *pedagogia do travessão* só alcança a máxima expressão de sua perfeição em se tornando uma *pedagogia do amor*. Como “dom de si em sacrifício” (KIERKEGAARD, 2005, p. 298) *o amor é a plena realização do mais belo sonho da pedagogia*. Na medida em que a vida do amoroso é “inteiramente esbanjada sobre a existência, a existência dos outros” (KIERKEGAARD, 2005, p.315), ele realizou o ato pedagógico em sua perfeição. Pois só o amor, com o auxílio da eternidade, pode de fato cumprir até o fim a tarefa de orientar, de auxiliar ou de socorrer outra pessoa sem jamais errar – ainda que erre sempre. Tanto que o amor modernizou a afirmação de Santo Agostinho: *ama et fac quod vis* [ama e fazes o que quiseres]. Agora já podemos dizer: *ama e educa como quiseres* – porque o amor é a perfeição da pedagogia.

REFERÊNCIAS

DICIONÁRIO LATIM-PORTUGUÊS. Portugal: Porto Editora, 2001.

KIERKEGAARD, Søren. **O conceito de ironia:** constantemente referido a Sócrates. Apresentação e Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2010.

_____. **Migalhas Filosóficas ou um bocadinho da filosofia de Johannes Clímacus.** Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls e Ernani Reichmann. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

_____. **As obras do amor:** algumas considerações cristãs em forma de discursos. Tradutor Álvaro Luiz Montenegro Valls. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2005.

_____. **Ponto de vista explicativo da minha obra de escritor:** uma comunicação direta, relatório à História. Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70, 2002.

PLATÃO. **Teeteto; Crátilo.** Tradução de Carlos Alberto Nunes, Belém-PA: Editora Universitária UFPA, 2001.